

Alfredo Bosi

As sombras das luzes na condição colonial

Sobre a poesia de Basílio da Gama:

A segunda metade do século XVIII representa para a Europa o iluminismo e os princípios da tolerância e liberdade ↔ ao contrário com as colônias, onde predomina a opressão e tráfico negro.

Naquela época, a Razão é marcada pelos interesses políticos. Conforme os metropolitanos, era razoável submeter indígenas ou africanos a trabalhos compulsórios → a racionalização resultava do uso da força.

Já no século XVII podemos notar a lógica binária do padre Antônio Vieira: os sermões em favor dos nativos ↔ „guerra justa“. As Luzes precisavam de vassalagem, controle dos nativos e escravização dos negros para melhor „irradiação“. Mas quem escraviza, não é bem visto pela sociedade. Por motivo do prestígio a ilustração portuguesa, virando a casaca, queria excluir o uso da força, mas os fazendeiros reagiram de forma negativa. A única solução consistiu em que o Estado lhe fornecesse os subsídios para recompensar o braço negro.

As duas caras do vassalo ilustrado:

Os escritores luso-mineiros B. da Gama e T. Gonzaga eram fieis ao marquês de Pombal. Nas suas obras (*O Uruguai/ Cartas chilenas*) defendem as violências cometidas pelos colonizadores contra os nativos e escravos negros. O motivo? → Ou a subordinação deles (por causa do medo), ou eles „reconheceram“ os direitos da Europa de reger os outros povos.

Poesia e esquema retórico-ideológico:

Podemos dizer que a obra *O Uruguai* representa ambas hipóteses mencionadas. Em 1760 o Basílio da Gama é expulso do Rio de Janeiro e chegou à Europa. Para que evite o desterro para a África, intriga e escreve um *Epitalâmio da Excelentíssima Senhora Dona Amália*, própria filha do Pombal, e compõe *O Uruguai* que justifica o massacre dos indígenas feito por „braço direito“ pombalino – Gomes Freire. A obra é um dos mais intrigantes testemunhos e o autor tem que enfrentar muita crítica.

No primeiro canto o assim-chamado herói da obra – general Gomes Freire é retratado como um comandante férreo. A oposição é caracterizada no segundo canto pelas vozes heróicas dos rebelados – Sépe e Cacambo que sem as armas enfrentam o general e colocam em dúvida a intenção original dele. Os interesses da metrópole ficam em cima dos interesses dos outros. Os índios comportam-se duma maneira muito razoável e defendem os seus direitos e seu território („*E enquanto às armas/ Dão lugar à razão*“ II, 48-59). Os índios-„bárbaros“ instruem os europeus, argumentam com eles, condenam o Tratado de Madri e explicam a situação pobre dos missionários que vivem modestamente („*Muito suor, e pouco ou nenhum fasto*“ II, 102).

O general argumenta e julga que:

- os índios estão enganados pelos jesuítas
- a escravidão é superior à liberdade no estado selvagem e que o senhor garante-lhes a segurança e paz
- a benevolência do rei de Portugal atribui sempre uma forma de liberdade ao índio
- a vontade do rei mante-se por bem ou por mal

Mas o Cacambo e Sepé não crêem nas palavras do Gomes Freire e sublinham as reivindicações da liberdade dos índios que tantas vezes era violada na América. Os guaranis não têm medo de nenhuma autoridade; condenam o rei, mas admitem os jesuítas („*Desconhecemos, detestamos jugo/ Que não seja o do céu, por mão dos padres*“ II, 81-82). O canto narra a história da batalha de Caiboaté que ocorreu no ano 1756, em que morreram 1500 índios e foram aprisionados 154. Sepé é morto, mas a personagem dele sobreviveu graças ao senhor Simões Lopes Neto que o transformou em sua obra *Lendas do Sul* numa figura lendária.

Uma figura da dialética da colonização:

A epopeia de Basílio da Gama trata de episódios em que os missionários se opõem à prepotência do exército colonial comandado pelo próprio „herói declarado do poema“. O autor é percebido como intelectual luso-mineiro que adoptou os ricos e diversificados pensamentos das Luzes europeias. As suas ideias anticolonialistas transcenderam a sua época. Este espírito anticolonialista adoptavam também os autores franceses como Montesquieu, Voltaire ou Raynal. O último compara os conquistadores ibéricos com os „bárbaros europeus“. Afirmar que „A teocracia seria o melhor de todos os governos, desde que a religião respeitasse os direitos naturais da humanidade“ e concluir que „talvez jamais se tenha feito tanto bem aos homens com tão pouco mal“. Basílio da Gama cria as personagens Cacambo e Sepé que desempenham o papel dos guaranis que são contra os conquistadores europeus e salientam a liberdade natural. A ideologia da sua obra é bem complexa e inclui várias contradições:

- O válido de Pombal elogia o executor das ordens colonizadoras
- O intelectual de horizontes europeus reconhece o direito à liberdade de todas as nações
- O poeta sensível sabe onde pulsa o sentimento de um povo vencido mas indomado

A vez da África:

Basílio compôs no ano 1791 o poema *Quitúbia* que celebra a soberana Maria. O herói desta obra é um soldado africano, vassalo negro ao trono português, de nome Domingos Ferreira de Assumpção (Quitúbia), que debela os seus irmãos negros rebeldes. O poeta sente a piedade com as vítimas inocentes negras.

O Uruguai → português Gomes Freire → Portugal → „República infame“

Quitúbia → angolano Domingos Ferreira → África → „África submissa e obediente“